

Juros e inflação altos param os negócios

Movidos por uma expectativa generalizada de inflação ascendente, expressa na explosão das taxas de juros, comércio e indústria apertam-se de diversas formas. Na ponta, um consumidor cada vez mais assustado com os preços e a impossibilidade de compra pelo crediário. Neste ritmo, o comércio varejista continua cancelando encomendas às indústrias e o quadro aponta para uma repetição, no final do ano, do mal desempenho de dezembro de 90.

O fato do dia, ontem, foi a disparada dos juros dos Certificados de Depósito Bancário (os CDBs), que bateu em 1.200% — na média, ficaram em 1.180%, o que dá uma alta de 135 pontos percentuais em relação à média de sexta-feira. O motivo é a expectativa de alta inflação mesmo. À 1.180%, o CDB rende 23,67% brutos ou 22,39% líquidos ao mês. Ou seja, o papel consegue suplantar até a expectativa mais pessimista de inflação para outubro, de 22%. Por esta razão, o juro elevado acalmou os outros mercados: o black fechou estável e o ouro subiu 0,97%; a bolsa paulista subiu 1,01% (veja mais informações na seção *Seu Dinheiro*).

No quadro de indefinições por que passa a economia, também continuou pesando o não resolvido problema da privatização da Usiminas. Ontem, o procurador geral da República, Aristides Junqueira, anunciou que vai entrar com uma ação de constitucionalidade da MP 299 (veja na página 8) no Supremo Tribunal Federal (STF). Mas o governo também obteve uma vitória no Congresso, com a decisão de deputados e senadores quanto à admissibilidade da MP, o que lhe garante tramitação normal no Legislativo.

Retração

No primeiro semestre deste ano, foi registrada uma retração nas vendas entre 20 e 25% e a expectativa é que a situação não melhore muito daqui para frente. O presidente da Confederação Nacional dos Diretores Lojistas (CNDL), Fúlvio Araújo Santos, que participa da 32ª Convenção Nacional do Comércio Lojista, em Belo Horizonte, antecipou que as vendas de setembro devem repetir os valores de agosto, o que representa uma queda de aproximadamente 14%, considerando a inflação do período. "Foi um mês extremamente ruim", reclamou. Em São Paulo, os dados preliminares da Pesquisa Conjuntural da Federação do Comércio apontam uma queda de 6% nas vendas do comércio varejista em setembro, em comparação com agosto.

Segundo a Federação, o mau desempenho do comércio em setembro resultou da queda das vendas nos segmentos de duráveis, menos 15% em relação a agosto. Os semiduráveis, onde estão agrupados os ramos de vestuário, tecidos e calçados, apresentaram queda de 20%. As concessionárias de veículos e lojas de autopeças e materiais de construção tiveram uma retração nas vendas de 12%. Segundo Abram Szajman, presidente da Federação, esses números indicam que o consumidor continua agindo com muita cautela, adquirindo só o essencial.

Já a Associação Comercial de São Paulo informou que o Dia da Criança, no próximo sábado, ainda não aqueceu o comércio na cidade e as perspectivas são de que não haja aumento significativo de vendas. Nos primeiros cinco dias úteis de outubro, o Serviço de Proteção ao Crédito registrou uma média diária de 30.158 consultas, 3,2% acima do ano passado e 5,6% abaixo de 1989.

Na opinião de Fúlvio Araújo Santos, presidente do grupo gaúcho J.H.Santos, os lojistas estão desistindo dos pedidos porque estão descapitalizados e inseguros em relação à política econômica. "A tendência é de compras pequenas e constantes, para evitar investimentos em estoques."

Klotz diz que o setor de alimentação passa por um de seus piores momentos e que não consegue repassar os custos dos altos juros para seus produtos



Arquivo/AE